

APONTAMENTOS PARA UMA CRÍTICA A METAFÍSICA TRADICIONAL EM HEIDEGGER

José Wilson Rodrigues de Brito¹

RESUMO: O presente artigo pretende abordar uma reflexão a respeito da crítica de Heidegger à metafísica tradicional, uma vez que se tem como problema o esquecimento da questão relacionada ao ser, que se torna o tema central de sua obra *Ser e Tempo*. Destacam-se neste trabalho quatro aspectos específicos nesta tentativa de construção de uma ontologia fenomenológica universal: 1) A importância pela pergunta sobre o sentido do ser, que acaba sendo alterada para a questão sobre a verdade do ser; 2) Os aspectos que tornam possível uma diferenciação ontológica entre ser e ente; 3) A necessidade de uma reconstrução ontológica dos fundamentos; 4) O olhar fenomenológico sobre ente, ser e verdade. Por fim, pode-se considerar que Heidegger trata a reflexão filosófica como uma fenomenologia relacionada à ontologia fundamental para tratar profundamente sobre a questão do ser, que se dá a conhecer no *Dasein* como lugar próprio de manifestação e compreensão da verdade na temporalidade.

Palavras-chave: Crítica à metafísica, Heidegger, Reconstrução Ontológica, Tempo, Verdade do ser.

ABSTRACT: The present article intends to approach a reflection on the critic of Heidegger to the traditional metaphysics once you have forgotten the problem of being, which becomes the central theme of his work, *Being and Time*. Four specific aspects of this attempt to construct a universal phenomenological ontology are highlighted: a) Importance for the question of the sense on being, which ends up being changed to the question about the truth of being; b) The aspects that make possible an ontological differentiation between being and entity; c) The need for an ontological reconstruction of the fundamentals; D) The phenomenological view on being, entity and truth. Finally, one can consider that Heidegger treats philosophical reflection as a phenomenology related to the fundamental ontology to deal profoundly with the question of being, which is made known in *Dasein* as a proper place of manifestation and understanding of truth in temporality.

Keywords: Critique of metaphysics, Heidegger, Ontological Reconstruction, Time, Truth of being.

¹ Mestrando PPGFIL – UFPI. Especialista em Ensino de Filosofia (UESPI) e em Educação do Campo (UEMA); Bacharelado e Licenciado em Filosofia (UFC). Professor Substituto de Filosofia no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEMA no Centro de Estudos Superiores de Coelho Neto – CESCEN. Email: nosliwbrito@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir da obra intitulada *Ser e Tempo* (1927), o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) toma como tarefa imprescindível o retorno à questão relacionada ao problema do ser, uma vez que a ausência da resposta coerente a esta pergunta ainda não estaria bastante esclarecida. Este problema é considerado o tema mais autêntico no desenvolvimento do cunho filosófico heideggeriano. Para o pensador de Friburgo “deve-se colocar a questão do sentido ser”, (HEIDEGGER, 1998, p. 31) para que se tenha, assim, a discussão a respeito do ser, cabendo notar que a pergunta pelo sentido do ser se torna intrinsecamente relacionada à interpretação do tempo, uma vez que o tempo é apreendido como horizonte possibilitador de toda compreensão ligada ao ser.

Desta maneira, a compreensão refletida por Heidegger não deve ser entendida simplesmente como um determinado tipo de saber ou mesmo um conhecimento puramente abstrato sobre o ser, de modo que se possa apreender o seu sentido. Heidegger argumenta que é o ente que faz a colocação da questão sobre o ser, mas não é qualquer ente, e sim aquele que enquanto existência é concebido, em sua essência, como ser-no-mundo, ser-aí, aí-do-ser, denominado por Heidegger pelo termo *Dasein*. Neste se tem a compreensão, que expressa sentido, pois existencialmente é dotado de abertura tanto para a significância quanto para a referibilidade concernentes ao mundo, sendo que o mundo é horizonte prévio de sentido. O *Dasein*, enquanto um ser de existência é tomado como inacabado, não sendo em sua plenitude, mas existindo como o modo de possibilidade, ou seja, um contínuo projeto.

Mesmo marcando as investigações filosóficas desde Platão e Aristóteles a questão do sentido do ser caiu no esquecimento e não foi tratada, na visão de Heidegger, com o devido aprofundamento com que deveria realmente ter sido. Aristóteles teria se perguntado pelo *ente*, embora tenha suposto que perguntava na prática pelo *ser*. Deste modo, ao longo da história da Metafísica acabara recebendo as mais diferentes concepções, resultantes, muitas vezes, das traduções a que se sujeitou tal termo. Para citar alguns exemplos dessas conotações recebidas pelo ser, no período da Idade Média seria apreendido como substância; na modernidade, com a teoria cartesiana, receberia o sentido do ser em si e por si, não dependendo de qualquer outro ser para ter existência; Friedrich

Hegel defendeu que o conceito de substância sofre transformações chegando à máxima transformação, culminando, então, com o saber absoluto (sujeito absoluto). Tendo em vista estes argumentos quanto à ontologia tradicional, Heidegger (1998) argumenta que:

Por mais rico e estruturado que possa ser o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, ao fundo, cega e uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido do ser nem tiver compreendido esse esclarecimento como sua tarefa fundamental (HEIDEGGER, 1998, p. 37).

Para melhor analisar esta proposição Heidegger destaca que se deve utilizar do método fenomenológico² para compreender que a aletheia³ (*ἀλήθεια*) verdade, era utilizada no sentido grego como desvelamento da realidade, bem como a investigação do ser pelo aparato hermenêutico dos fatos conduz ao aspecto da vivência histórica em sua concretude, tendo em vista que para Heidegger “mais elevada do que a realidade está a possibilidade. A compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade do pensamento” (HEIDEGGER, 1998, P. 69-70).

ASPECTOS DA DIFERENCIAÇÃO ONTOLÓGICA

Considerando que mesmo não direcionando precisamente a pergunta ao *Dasein*, Heidegger em *Ser e Tempo*, deixa claro que este termo tem um lugar central na discussão a respeito do sentido do ser, pois em si tem essencial referência no que concerne à compreensão do ser. Isto por que o *Dasein*⁴ é tratado como o ente que mantém em si a

² Aqui cabe notar que a expressão fenomenologia faz menção a um *conceito de método* e “ não caracteriza a quididade real dos objetos da investigação filosófica, mas o seu modo, *como eles são*”, (HEIDEGGER, 1998, p. 57).

³ Este termo grego na interpretação de Heidegger é de elevada importância, visto que como ele afirma: “A aletheia antecipou a história da filosofia, mas o fez de maneira que se subtrai à determinabilidade filosófica enquanto aquilo que exige sua discussão pelo pensamento. A aletheia é o impensado digno de ser pensado, a coisa do pensamento [...] libertado da referência da representação da ‘verdade’ no sentido da correção e do ser, no sentido da realidade efetiva, uma referência trazida pela metafísica” (HEIDEGGER, 2008b, p. 452).

⁴ O termo *Dasein*, em Heidegger, também deve ser entendido como esta pre-sença que está lançada na temporalidade visando a compreensão do ser “a análise da pre-sença, porém, não é somente incompleta mas também *provisória*. Ela começa apenas explicitando o ser desse ente, sem interpretar-lhe o sentido. O que lhe compete é liberar o horizonte para a mais originária das interpretações do ser” (HEIDEGGER, 1998, p. 44s)

forma privilegiada de compreender ao ser, sendo tomado como primeiro passo para que seja elaborada a questão do ser.

Tendo em vista que o *Dasein* é o ente no qual se pode compreender o ser, pois “pertence à pre-sença, como constituição ôntica, um ser pré-ontológico. A pre-sença é de tal modo que, sendo, realiza a compreensão do ser”, (HEIDEGGER, 1998, p. 45) cabe esclarecer que há uma diferenciação entre ser e ente, como afirma Saraita na obra *Heidegger y la metafísica: análisis críticos (2007)*:

*O ser, que é anterior aos entes e diferente deles; tão diferente que, com Heidegger, se deve recordar que o ser é o nada do ente, embora em *Ser e Tempo* se constitua como sua “condição de possibilidade”; O ente: é o “que é”, o que aparece, a coisa com suas características próprias. (SARAITA, 2000, p. 82)⁵*

Neste sentido, os termos acima tratados pertencem a planos diferentes, sendo que o ser estaria em âmbito ontológico, enquanto que o ente estaria no aspecto ôntico. Assim, “o tempo é o ponto de partida do qual a pre-sença sempre compreende e interpreta implicitamente o ser” (HEIDEGGER, 1998, p. 45). Na teoria de Heidegger, a partir de Aristóteles, como também os filósofos que desenvolveram a metafísica do Ocidente acabaram dando prioridade ao ente, em detrimento ao sentido do ser. Muitos destes pensadores caíram em um grave erro ao considerar o ente como prioritário frente ao ser, uma vez que ente seria tomado como o que é em ato, ou seja, aquilo que é.

No que concerne a um aprofundamento sobre o *Dasein*, o pensador de Friburgo defende que este tem uma característica que lhe é imanente, a finitude. Esta é concebida como temporalidade, que conseqüentemente se revela através das modalizações, entendidas como *modos*. Assim, o *Dasein* é constituído, implicitamente por existência e possibilidade, de maneira que “a perspectiva dentro da qual se deixa e se faz o encontro prévio dos entes constitui o contexto em que o *Dasein* se compreende previamente segundo o modo de referência” (HEIDEGGER, 1998, p. 31). Deste argumento se pode constatar que a analítica da existência se efetiva precisamente na interpretação dos diversos modos possíveis do ser do ente, onde se tem a existência. Quando se dá maior

⁵ Tradução nossa.

importância à pre-sença, ao que é em ato, se coloca à margem o que realmente constitui o horizonte pertencente ao ser, como afirma o filósofo de Friburgo:

[...] o tempo como horizonte de toda compreensão e interpretação do ser. Para que isso se evidencie, torna-se necessária uma explicação originária do tempo enquanto horizonte da compreensão do ser a partir da temporalidade, como ser da pre-sença, que se perfaz no movimento de compreensão do ser. (HEIDEGGER, 1998, p. 45).

Desta maneira, o autor de *Ser e Tempo* fundamenta que o ente não se torna o sentido do ser, mas que, o verdadeiro sentido do ser é a verdade, surgindo então a pergunta a respeito não mais apenas pelo sentido do ser, mas pela verdade do ser, havendo, assim, a necessidade de uma ontologia da coisa (do ser).

NECESSIDADE DE UMA NOVA FUNDAMENTAÇÃO DA PRÓPRIA ONTOLOGIA

Segundo Heidegger, deve-se observar que ao longo da história da Metafísica se tem como marca principal marginalizar a veemente diferenciação entre o que pertence ao campo ontológico e o que pertence ao ôntico, ou seja, entre ser e ente. Neste sentido, o autor vê a necessidade de se fazer um retorno histórico à experiência mais original, onde acabou acontecendo o esquecimento do ser, sendo mais precisamente com a metafísica aristotélica. Com o desenvolvimento de uma metafísica do esquecimento do ser em Aristóteles, Heidegger acreditava que se perpetuaria este deixar de lado o ser ao longo da reformulação escolástica do pensamento grego, assim como na filosofia de Descartes e no transcendentalismo de Kant, e também no absolutismo do sujeito na concepção de Hegel. Cabe destacar, é claro, que não é que tenha sido intenção dos autores aqui citados, privilegiarem ao ente, mas acabaram entificando o ser, sendo mal colocada a questão. Mas, mesmo assim, colaboraram trazendo a pretensão da discussão sobre o ser, como podemos notar no fragmento:

Em sentido estrito, o único aqui considerado, a metafísica é uma fatalidade por que, como traço fundamental da história do Ocidente europeu, a humanidade vê-se fadada a assegurar-se no ente. E a nele segurar-se sem que, em momento algum, a metafísica faça a experiência do ser dos entes

como a dobra de ambos, podendo, então questioná-lo e harmonizá-lo em sua verdade (HEIDEGGER, 2008a, p. 67).

Heidegger propõe, então, uma destruição das capas que foram colocadas ao longo da tradição da metafísica que impedem este desvelar do ser na realidade da discussão ontológica. Como forma estratégica de ocorrer esta destruição, se propõe especificamente o acatamento do método fenomenológico, como uma das etapas fazendo assim, uma reconstrução com criticidade, a respeito dos conceitos ontológicos que foram herdados da tradição. Com isto, através do diálogo pautado na crítica com a tradição se torna possível, segundo Heidegger, a tentativa de elaboração de uma autêntica ontologia, ou seja, uma ontologia dos fundamentos. Para ocorrência de uma verdadeira averiguação histórica da metafísica se faz necessário um momento antecipado no qual se leve em conta a temporalidade e historicidade do *Dasein*. Este é dotado de uma temporalidade com dimensão finita, diferentemente do conceito vulgar de tempo como foi concebido ao longo da história da metafísica, para que deste modo o mesmo possa autenticamente se apropriar da tradição, como se pode notar:

O ser do *Dasein* tem o seu sentido na temporalidade. Esta, por sua vez, é também condição de possibilidade da historicidade enquanto um modo de ser temporal próprio do *Dasein*, mesmo abstraindo a questão se e como a pre-sença é um ente “no tempo”. [...] Historicidade indica a constituição ontológica do “acontecer” próprio da pre-sença como tal. É com base na historicidade que a “história universal”, e tudo que pertence historicamente à história do mundo, se torna possível (HEIDEGGER, 1998, p. 47s).

Desta forma, pode-se afirmar que o *Dasein* é o que acontece, ou seja, ao acontecer se denota que enquanto seres históricos somos possibilidades de ser apropriação da tradição, pois a transcendentalidade do *Dasein*, como afirma Heidegger, é caracterizada pela abertura mundana, observando que esta transcendentalidade do *Dasein* se distancia desta categorização relacionada ao sujeito. Cabe notar que, na hipótese de transcendência do mundo, o autêntico transcendente é o *Dasein*. Isto porque ele está aberto, permitindo que o mesmo se dirija ao mundo, de modo que existência e mundo sejam voltados para uma unidade, ou seja, para o *Dasein*. Este é o único ente que, na argumentação heideggeriana, existe de fato, sendo um modo diferente de um ser que seja meramente dado.

Pode-se afirmar, então, que a ontologia fundamental tem como maior preocupação a questão sobre o sentido do ser, sendo que o Dasein tem a propriedade essencial caracterizada através da compreensão do ser. Daí que a analítica existencial está sempre em relação à ontologia fundamental, tendo em vista que a relação sujeito-objeto “é posta em crise na medida em que, quando usada como modelo de fundação ou leva a uma fundação apodítica, em que há um sujeito absoluto que funda tudo, ou a uma relação que vai ao infinito” (STEIN, 1993, p. 53).

A ontologia fundamental, além da pergunta pelo ser como marca central de sua essência, perscruta bem mais além do que a analítica existencial, pois esta investiga a existência, ou seja, o tipo de ser do Dasein, tal como no ponto de vista do que seja denominado como a atitude natural. Desta maneira, a analítica existencial também pode ser entendida como fenomenologia hermenêutica da facticidade, uma vez que tem como ponto de partida o existir humano em seu aspecto mais concreto, no que está relacionado ao mundo da vida, levando à compreensão da estrutura do Dasein, isto, claro, frisando precisamente à compreensão do ser.

O OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE ENTE, SER E VERDADE.

Heidegger propõe que o método fenomenológico é tomado como um critério exigido precisamente para que se possa fazer uma sólida investigação a respeito do ser do ente. Sabe-se que no sentido corriqueiro o termo fenômeno é usado para indicar algo que se mostra a si mesmo, dando a caracterizar os entes, aquilo que se mostra como existente. Entretanto, cabe deixar claro que Heidegger opõe ao conceito vulgarizado de fenômeno o conceito fenomenológico, sendo notado que à fenomenologia se tem o encargo de estudar, como seu objeto o ser do ente. Seguindo esta lógica, pode-se dizer que a fenomenologia é equiparada à ontologia dos fundamentos (enquanto ontologia fundamental), já que também se ocupa com a questão relacionada ao ser, uma vez que este não se dá a conhecer de modo imediato, ressaltando a necessidade exigida a que se possa converter em fenômeno. Isto para que não fique encoberto ou mesmo esquecido, pois “o que se deve verificar é unicamente o ser e estar descoberto do próprio ente, o *ente* na modalidade de sua descoberta” (HEIDEGGER, 1998, p. 286). Como mencionado anteriormente,

Heidegger propõe uma desconstrução do conceito de existência nos moldes da metafísica tradicional. Defende que a existência não pode ser tomada como um atributo do ente, muito menos relacionada ao que ele observa como categoria da efetividade, conforme podemos constatar:

Exprimimos o fato de não se poder conceber o ente dotado do modo de ser do *Dasein*, a partir de realidade e substancialidade com a seguinte tese: a substancialidade do homem é a existência. A interpretação da existência como cura e a sua delimitação frente à realidade não significa, porém, o fim da analítica existencial. Ao contrário, permitem apenas que os imbricamentos problemáticos com a questão do ser e seus possíveis modos, assim como o sentido de tais modificações, possam emergir de maneira ainda mais aguda: o ente como ente só é acessível se uma compreensão do ser se dá: a compreensão do ser como ente só é possível se o ente possui o modo de ser do *Dasein*, (HEIDEGGER, 1998, p. 279-280).

Com isto pode-se afirmar que a *desconstrução* heideggeriana é concebida como o deixar de lado, ou seja, abandonar e superar pré-conceitos fundados ao longo da tradição metafísica, que muitas vezes têm sido considerados como pressupostos dogmáticos, verdades absolutas e inquestionáveis. Desta forma, fica claro que o ente tem uma função primeira, que seria a de desocultação, no sentido de provocar que algo possa ser visualizado, tendo como consequência a aparição, o mostrar-se, de maneira que:

[...] o ente se mostra a si mesmo. A verificação se cumpre com base num mostrar-se dos entes. Isso é possível pelo fato de que, enquanto proposição e confirmação, o conhecimento é, segundo seu sentido ontológico, um ser que, descobrindo, realiza seu ser para o próprio ente real (HEIDEGGER, 1998, p. 286).

Também pode ser mencionada que esta propriedade de desocultar, ou seja, este descobrimento é apreendido como o desvelar, no sentido de poder ser chamado de verdade, retornando ao termo grego *aletheia* como a verdade que se dá a revelar, que “identificada por Aristóteles [...] indica as ‘coisas elas mesmas’, o que se mostra, o ente na modalidade de sua descoberta” (HEIDEGGER, 1998, p. 287). Em Heidegger este desvelar se dá necessariamente pelo *Dasein* em um primeiro momento, já que “ser-verdadeiro enquanto ser descobridor é um modo de ser da pre-sença [...] *os fundamentos ontológicos-existenciais do próprio descobrir é que mostram o fenômeno mais originário da verdade*”

(HEIDEGGER, 1998, p. 287). Isto se dá numa relação entre os entes intramundanos tendo como aspecto principal esta abertura no mundo por parte do *Dasein*, que em sua existência é apreendido como ser-no-mundo, de maneira a existir concretamente entre os diversos entes intramundanos e os entes que em si têm o modo de ser da própria existência.

O *Dasein*, enquanto existência abre o horizonte relacionado ao sentido, onde possibilita o acontecer da linguagem. Heidegger deixa destacado que existe diferença entre *Dasein* que se subentende numa concepção de modo de existência e os entes por ele denominados intramundanos. Por intramundanos se pode entender as coisas dadas, conforme fundamenta a metafísica tradicional.

Neste sentido Heidegger entende que a existência é caracterizada pela possibilidade de ser com relação à compreensão do ser na abertura. Abertura esta que se dá para si mesmo e para o mundo gerando esta real possibilidade de alcance original do fenômeno da verdade, pois “toda verdade é relativa ao ser da presença na medida em que seu modo de ser possui essencialmente o caráter da pre-sença” (HEIDEGGER, 1998, p. 296). A filosofia heideggeriana, nesta preocupação com a questão relacionada ao *ser* tem implicitamente a pergunta sobre o *ser*⁶ como verdade, esta sendo subentendida, como já mencionado, por descobrimento, desocultação, desvelamento. Nesta empreitada relacionada à questão do ser como verdade, se nota que Heidegger acaba voltando às fontes da tradição antiga da filosofia, buscando fundamentação para o sentido de que a verdade pressupõe o aspecto da descoberta, como mencionam as palavras heraclitianas:

Com o logos, porém, que é sempre, os homens se comportam como quem não compreende tanto antes como depois de já ter ouvido. Com efeito, tudo vem a ser conforme e de acordo com este logos e, não obstante, eles parecem sem experiência nas experiências com palavras e obras, iguais às que levo a cabo, discernindo e dilucidando, segundo o vigor, o modo em que se conduz cada coisa. Aos outros homens, porém, lhes fico encoberto tanto o que fazem acordados, como se lhes volta a encobrir o que fazem durante o sono (HERÁCLITO, 1993, p. 59).

⁶ Para Heidegger a questão relacionada ao ser seria algo evidenciada à própria verdade, mesmo que esta se tenha deixado à margem, no esquecimento, como afirma na obra *Ensaaios e Conferências*: “O que ‘é’ o ser? Devemos perguntar ao ‘ser’ o *que ele é?* Ser fica fora de questão, auto-evidente e, portanto, impensado. Mantem-se numa verdade, de há muito esquecida e infundamentada” (HEIDEGGER, 2008, p. 73).

Deste modo, Heidegger defende que o desocultamento deve ser retirado dos entes, pois este mostrar-se da verdade não pertence às coisas enquanto seres existentes, mas é preciso que, para algo vir a ser descoberto se tenha uma condição descobridora. Comportamento este que é dado pelo *Dasein* em si mesmo. O *Dasein* seria, então, a condição possibilitadora da verdade, isto é, do próprio ser. Em Heidegger parece haver uma continuidade a uma explicação do ser dirigida pelo aspecto transcendental, notando-se que haveria uma interdependência do ser à existência do *Dasein*, embora se constate em sua argumentação, que o ser não é um ente, havendo assim, uma relação recíproca de diferença.

Cabe lembrar que para Heidegger as coisas não são postas pelo *Dasein*, pois as mesmas já estão postas no mundo, não havendo dependência do ser humano para suas existências na natureza. O autor de *Ser e Tempo* argumenta que quando se coloca a questão do mundo, este é subentendido como “mundanidade do mundo em geral. [...] Mundanidade é um conceito ontológico e significa a estrutura de um mundo constitutivo do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 1998, p. 104). Desta maneira, isto não pode ser considerada uma contraposição ao ser humano no aspecto do que se é, pois a natureza é sempre, podendo ser considerada como um mundo interpretado pelo ser-no-mundo, claro, intermediado pela linguagem, ou seja, na dimensão da compreensão e da interpretação.

A verdade, então, seria uma questão hermenêutica, visto que o *Dasein* está no campo da hermenêutica, constatando-se que haveria pouca relação entre o sentido da verdade e o da mesma como adequação, embora, como afirma Heidegger, ao longo da tradição é possível notar o desvinculamento entre desvelar e verdade, de modo que, desta maneira se nota que já não se faz tão notável o fenômeno em seu sentido original. Quanto mais a verdade no sentido de presença grega se reduz à proposição que determina e comunica, mais ela acaba sendo cada vez mais desfacelada no sentido de adequação, tendo como grave consequência sua perda de referência no que concerne aos fenômenos tidos como desvelados e aptos a serem comunicados. Na análise de *Ser e Tempo*, pelo *Dasein* se teria um percurso para que o ente pudesse compreender o ser. Isto demonstra a importância que Heidegger dá à temporalidade como um aspecto constituinte do *Dasein* em seu sentido mais original, pertencente à dimensão temporal, ou seja, histórico. Constata-se, então, esta relação do *Dasein* que acontece na compreensão do ser no

horizonte do tempo, pois apenas o tempo, segundo Heidegger, proporciona a possibilidade de compreender o ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Especificamente em sua obra *Ser e Tempo*, Heidegger tentou fazer uma reformulação no que concerne à questão do sentido do ser, alegando que esta pergunta teria sido deixada de lado ao longo da história da metafísica Ocidental, caindo no esquecimento por parte dos mais diferentes teóricos desde Aristóteles, perpassando a Idade Média e chegando à modernidade com seus grandes expoentes teóricos como Descartes e Hegel. Com isto a preocupação da metafísica teria dado maior importância à questão dos entes nas suas formas de desenvolvimento de teorias para explicações sobre as essências, tendo como verdade a *aletheia* no sentido grego (desvelamento).

Heidegger traça uma linha de raciocínio para explicar que a pergunta pelo ser é perpassada pelos aspectos ôntico, ontológico e ôntico-ontológico do que ele denomina como *Dasein* (pre-sença, ser-aí, aí-do-ser). Este é visto como o lugar da compreensão do ser, cabendo haver uma diferenciação específica entre ser e ente, uma vez que a metafísica Ocidental teria dado privilégio à entidade, enquanto o que é de fato, em detrimento ao *ser*. Acontecendo que, dando uma maior importância ao ente enquanto o que é (presença) se elimina o que há de maior relevância na constituição do ser, que é a temporalidade, que possibilita a verdade, sendo esta não mera adequação entre conteúdo mental e conteúdo do objeto, mas como descobrimento, tornando-se um modo de ser do *Dasein*. Com isto a pergunta pelo sentido do ser se altera para a pergunta concernente à verdade do ser.

O pensador de Friburgo propõe, então, uma destruição (no sentido de desmonte ou mesmo de buscar o que há de melhor na tradição sobre o ser do ente) do que fora construído ao longo da história da metafísica, que teria encoberto o verdadeiro sentido do ser, pois o mesmo teria sido esquecido em sua essência. Esta, que para Heidegger deve ser reelaborada partindo do método fenomenológico em diálogo crítico que perpassa os conceitos ontológicos da tradição. Assim ocorrendo, se possibilita o fazer de uma ontologia autêntica fundamental, pautada na temporalidade e historicidade concernentes ao *Dasein*.

Cabe considerar que para ser feita uma verdadeira investigação a respeito do ser do ente, Heidegger defende o método da fenomenologia como o mais coerente quanto ao exercício da filosofia, pois não apenas caracteriza os objetos investigados, como também se ocupa de como fazer as abordagens dos mesmos na investigação. Portanto, pela fenomenologia se torna possível chegar àquilo que se mostra mais precisamente, no que se refere ao ser do ente (sentido, suas modificações e derivações), que se mostra imediata e regularmente ao ponto de construir seu sentido e fundamento.

A fenomenologia e ontologia fundamental são relacionadas, para Heidegger, numa busca pela resolução da questão sobre o ser, de modo que para ter uma filosofia que realmente trate séria e inequivocamente sobre a questão do ser se deve ter como ponto inicial a hermenêutica do *Dasein*. Isto é possível, para Heidegger, pela “ontologia fenomenológica universal”, (HEIDEGGER, 1998, p. 69) visto que, ao longo do desenvolvimento de sua filosofia, a discussão a respeito da universalidade é perpassada, notando-se que parte da própria análise da existência entrelaçando todo e qualquer questionamento de âmbito filosófico de seu início ao seu retorno na temporalidade, caracterizando, então, o que se denomina como círculo hermenêutico interpretativo.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Ensaaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Cavalcante Schuback. 5.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008a.

_____. *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein; revisão de tradução de Marcos Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2008b.

_____. *Los problemas fundamentales de la fenomenologia*. Madrid: Trotta, 2000.

SARAITA, Carmen Segura. *Heidegger y la metafísica: análisis críticos*. Madrid: Publidisa, 2007.

STEIN, Ernildo. *Seminário sobre a verdade: Lições preliminares sobre o parágrafo 44 de Sein und Zeit*. . Petrópolis: Vozes, 1993.

HERÁCLITO. *Fragmentos.* In: *Os Pensadores Originários.* Ed. Bilíngue e trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, Vozes, 1993.